

seus cabelos, deixando os vidros embaçados; não se pode condenar os que se recusam a limpar os laboratórios, onde, dizem, tem de morrer pelo menos uma pessoa por ano. A história do professor Waldirez é uma entre centenas. Seria monótono transcrevê-las, uma a uma. Mas há também os casos que os seus protagonistas jamais ousam contar, como o do velho faxineiro que se benze e corre, com a mão tapando a boca, quando alguém pergunta o que foi que aconteceu naquele 2 de novembro dos anos 40, quando, de madrugada, se atrasara e ainda limpava as galerias do 4º andar; ou que instrumento era aquele que tocava melodias tão lindas, na sala dos arquivos de música; ou por que este outro correu, em vez de atender ao chamado da bela princesa que, aos prantos, pedia socorro, com uma folha de papel na mão.

E por falar em cartas de amor, conta-se que alguém viu, certa vez, e depois, enchendo-se de coragem, conseguiu ver outras vezes, uma formosa mulher, de pouca idade, que entrava na sala de manuscritos, a altas horas da noite, e pegava numa gaveta, sem abri-la, uma velha carta amarelecida pelo tempo. Quando segurava o papel e o olhava – sempre o mesmo papel –, o seu corpo se iluminava, tornava-se translúcido e quase transparente. “Ficava fosforescente como um mostrador de relógio”, dizia o vidente. Mas a história não acaba aqui. O chefe da seção jurava que naquela gaveta não havia nada, que estava completamente vazia. Por insistência do vidente, chamou testemunhas, abriu mais uma vez a gaveta, retirou-a do móvel, bateu com ela no chão e... maravilha! – caiu de dentro uma carta, que estava presa numa de suas reentrâncias: uma carta de D. Pedro II a uma de suas amigas. O nome da triste defunta está ilegível.

Mas, não são somente as lendas de humor negro que povoam os nossos corredores. Existem relatos fidedignos, documentos, de outra infinidade de casos, estes pitorescos, que permaneceram, nesses dois séculos de existência da velha biblioteca, a mostrar costumes, tradições, defeitos, pendengas e até mesmo legislações que hoje nos parecem ridículos.

Vamos citar alguns exemplos, uns simplesmente pitorescos, outros ridículos, outros que refletem mentalidades felizmente mortas.